

A IMAGINAÇÃO COMO ARMA



Maurício Rosencof é, antes de tudo, um contador de histórias, bom como poucos nesse mundo. Contando histórias ele conseguiu o impossível, como sobreviver com sanidade a 13 anos de solitária, em que nem o conforto da rotina lhe foi permitido. Fazia parte da estratégia do exército trocar frequentemente os cativeiros, dele e de seus companheiros mantidos como reféns, para que os Tupamaros parassem de agir contra a ditadura civil-militar que havia se instalado no país nos anos de 1970. Caso houvesse alguma ação, todos seriam mortos. Rosencof é um dos oito reféns que sobreviveram a esse período.

Eram nove os reféns, divididos em grupos de três. Rosencof, José Mujica, recém-eleito senador e ex-presidente por dois mandatos do Uruguai, e Eleuterio Fernández Huidobro, o Ñato, falecido em 2016 quando exercia o cargo de ministro de Defesa Nacional do seu país, formavam um trio e são os protagonistas de *Uma Noite de 12 Anos*, filme que conta essa história, inspirado no livro que Rosencof e Ñato prometeram - e cumpriram - escrever quando ainda se encontravam presos. Conseguiram falar entre si por meio de batidas ritmadas na parede que separava as celas e assim, batendo nas paredes, além da promessa, Rosencof ensinou histórias para Ñato contar à filha,

para que ela se esquecesse de que estava visitando o pai numa prisão, e também discutiu e tramou a revolução com Pepe e Ñato.

Foi também inventando uma história a respeito da origem de uma pequena e prosaica pedra redonda que ele consolou a própria filha: deu a ela a pedrinha, que escapou de uma obra em sua cela, dizendo que era uma de três remanescentes daquelas que o personagem de *O Pequeno Polegar* teria usado para marcar o caminho de casa. A filha passou, então, a guardar a pedra debaixo do travesseiro, acreditando que assim o pai encontraria o caminho de volta. De certa forma, ele encontrou esse caminho por meio das histórias que inventou e que marcam sua trajetória no cativo como se fossem as pedras do Pequeno Polegar.

Antes de ser preso, Rosencof participou da criação do Movimento Nacional de Libertação Tupac-Amaru, os Tupamaros, “de longe, a guerrilha urbana mais bem organizada, mais estruturada e mais eficaz do continente”, segundo o jornalista Max Altman em artigo publicado no Brasil quando Mujica foi eleito presidente do Uruguai. E depois que saiu, produziu fértil e criativa obra literária que inclui, além de novelas, poesia e peças de teatro, encenadas no mundo todo. (veja texto na página ??)

Nessa entrevista, além de ensinar como suportou o isolamento durante seu cativo, o escritor conta, instigado pelo jornalista Juca Kfourir, fatos e ações de que participou quando militava entre os canavieiros na fronteira, fala sobre companheiros que tornaram-se lenda em seu país, como o general Líber Seregni, mentor e articulador da Frente Ampla, coalizão eleitoral formada em 1971, tornada ilegal pela ditadura de 1973 até 1984 e à frente do governo uruguaio desde 2004. E ensina como manter a esperança em tempos duros e difíceis.

Juca Kfourir — Primeiramente, muito obrigado por me receber. Segundo, gostaria de saber qual o segredo para chegar aos 87 anos tão bem. No cala-bouço as pessoas são longevas?

Maurício Rosencof — Eu recomendo como tratamento (*risos*). Você tocou em uma palavra que tem a ver com este evento que começa. E esse tema é a esperança. Um dos primeiros livros que tem a ver com a minha formação política e militante é um livro que li quando era garoto, de Jorge Amado, que se chamava *Cavaleiro da Esperança*. Era a história da marcha de Luiz Carlos Prestes. Talvez minha própria escrita e literatura tenham sido tocadas por *São Jorge dos Ilhéus*, *Terra Sem Fim*, essa obra mágica criada por

Jorge Amado, e bom, *Capitães da Areia*. Essa proximidade com as pessoas, com o sentimento, o humor, a intensidade.

Juca — Me diga, como você entende que vivamos quase que isolados: os brasileiros que falam português e os demais países da América Latina?

Maurício — Não tenho resposta para isso. Na fronteira não ocorre o que você diz, digamos, na fronteira do Uruguai com o Brasil, já é outra nacionalidade. Estive com Raul Sendic e o Pepe (José Mujica) organizando os cortadores de cana de Bella Union, e ele vivia alternadamente no Brasil e no Uruguai. Ele era já clandestino, mas os canavieiros falavam em portunhol, não falavam em espanhol. Eram pessoas que tinham como território as safras no Rio Grande, ou as safras em Corrientes (Argentina), ou as safras no Uruguai quando era época de corte de cana. Além disso, quando algum tinha um *Spika*, que na época era o que se usava, encapado, com pilhas de lanternas compradas no exterior. Era tudo o que tinham conseguido na magia da comunicação. Ouviam canções que no resto do Uruguai não estavam presentes. Havia influência e presença de intérpretes brasileiros que não eram os que ouvíamos em Montevideu.

Juca — Como, durante tantos e tantos anos no calabouço, você fez para vencer a depressão, a desesperança e o desespero?

Maurício — Vivemos uma experiência muito interessante, digamos. Estivemos na condição de reféns, porque estivemos por 13 anos isolados, a maior parte do tempo em calabouços, debaixo da terra. Não nos víamos cara a cara. Não tínhamos nem meia ração de comida, aprendemos a racionar água, a reciclar nossa urina desenvolvendo uma técnica transmissível: Em uma lata se deixa descansar até chegar à temperatura ambiente, e o que sai se deposita e logo é uma cachaça. Isso nos ajudava muito a manter o humor. Um dia se abriu uma janelinha,

na noite de Natal de 1973, em um quartel perto da fronteira em Santa Clara de Olimar. Não sabíamos onde estávamos, sabíamos que éramos três: Fernandez Ñato (Eleuterio Fernández Huidobro), El Pepe (José Mujica) e eu; pelos gritos, pelas reivindicações, pelas reclamações. E percebo que do outro lado da parede, alguém arranha, golpeando, mas intencionalmente. Então eu sei que ao lado está o Ñato. Sento no chão, porque podíamos sentar em qualquer parte do metro quadrado, e com o braço assim, atrás, respondo a sua “chamada telefônica”. Lentamente começa a dar curso rítmico e descubro a intenção de me passar alguma mensagem. Então pego um pedaço de reboque da parede e vou marcando as batidas que dá. De vez em quando se produzia um silêncio. Ele me enviou uma palavra naquele dia que associei ao dia. Aí a primeira letra me deu a chave. E foi assim, porque a palavra que me envia na noite de Natal foi “felicidade”. Essa foi a palavra. Depois conseguimos, falamos, contamos histórias, fizemos revoluções, contamos sobre nossos sentimentos.

Juca — Jogaram xadrez...

Maurício — Jogamos xadrez! Bom, aí tivemos uma disputa muito séria, muito grave. Isso foi em *Paso de Los Toros*. Tinha feito meu tabuleiro em um resto de papel de cigarros, onde marcava (*as posições das peças*). Cada vez que movia uma peça, apagava com a unha e movia para outro lugar. O Ñato tinha feito isso na parede. E, claro, tínhamos todo o tempo do mundo para pensar, digamos, sem interferências. Então eu o chamo e movo um bispo. Ele recebe a mensagem e responde: “esse bispo não estava aí”. E eu respondo: como não estava, se eu estou vendo? E que sim, que não... Entramos em uma discussão como se fosse uma discussão política para ver que dia faríamos a revolução latino-americana, descarregando toda a raiva. Me dou conta de que estava se complicando, então dou um golpe seco, para que calasse, e me calei também. Lentamente lhe escre-

vo: “às vezes acho que falar com você é como falar com a parede”. Ele recebeu isso, no tempo que levou para entender, ouço uma gargalhada do outro lado. Aí volto a te dizer, nós somos homens de humor. Tivemos discussões políticas que têm a ver com esse tema. Discutimos os três através da parede, na medida em que se passavam os meses, os anos e os quinquênios, qual era a nossa função militante naquele momento, naquelas condições em que estávamos.

Juca — A função era o testemunho?

Maurício — Nossa função, nosso papel nesse momento é uma única palavra: resistir. Resistir implicava em muitas coisas. Não arruinar-se, não deprimir-se. Comer as unhas para recuperar proteína. E se algum dia tivesse visita, que fôssemos nós a alentar a visita, e não esperar que nos dissessem “pobrezinhos, olhe como estão”. Tínhamos essa atitude porque tínhamos filhos e eles nos viam. Por mais que nos recompuséssemos, não era como um passeio de domingo. Essa foi uma das discussões que tivemos. E foram longas discussões, com planos majestosos, onde as brigadas internacionais desciam dos Andes e assim se resolvia o problema que você trouxe no início (*da entrevista*), da indiferença que havia entre o Brasil e os outros países.

Juca — Você usou a palavra “resistência”. Em seu livro *As cartas que nunca chegaram*, há todo um capítulo fantástico sobre a palavra, em que você vai conduzindo o leitor e a palavra não aparece, não aparece... até que aparece. Sua mãe lhe pergunta se você comeu, se está com fome. Fale-me disso.

Maurício — Dos reféns, sobreviventes, restavam oito. Eu e os companheiros de direção e de ação fechamos a cadeia, fomos os últimos a sair. Os que não tinham casa eram abrigados pelos franciscanos em conventos. Aí vivi e quase cheguei à conversão. Meus pais estavam em um asilo, tinham sido despejados por

serem meus pais. Cheguei tarde, acompanhado por alguns companheiros. Chegamos lá, a diretora do estabelecimento estava me esperando. Eles (os pais) estavam deitados, mas me esperando. Eu entrei em um quarto pequeno, me olharam como se eu fosse uma aparição. Com um sorriso, meu pai. Minha velha me contemplando profundamente e eu parado na frente deles. O silêncio é quebrado por minha mãe, com a pergunta de todas as mães: “Comeste?”. E é assim até hoje.

Juca — Ah, que beleza. Maurício, você passou, se as minhas contas estão corretas, dos 39 aos 51 anos encarcerado. Dizem que a vida começa aos 40. Portanto, durante 11 anos depois dos 40, estava preso. Qual falta te faz esse período? Ou não faz falta?

Maurício — A vida começa no dia seguinte. Temos toda a vida pela frente. E aqueles anos, não voltaria a escolhê-los se pudesse, mas também foram dias de vida! Consegui escrever, ter discussões. Te contei uma novela, construída através de uma parede. Discuti com Pepe o problema da agricultura, o que é um atrevimento de minha parte, porque o Pepe é um especialista. Fiz alguns exercícios de memória, e é formidável, porque termina questionando a sua própria memória. E em que consiste? Digamos, em determinado momento, como não tinha nada para fazer, não podia ler, não podia escrever, não podia falar com ninguém. A realidade tangível não se podia viver. Podia-se viver no território da imaginação, das recordações. O que era muito perigoso, porque poderia cair em depressão. Alguns companheiros caíram em depressão. Acredito que caímos todos em depressão. Comecei a recordar de todos os amores que tinha tido. E nunca cheguei a uma ruptura, ou seja, estava casado com todas. Não podia me mover no calabouço, porque estava cheio de crianças. Era um exercício mental, e também me deu a oportunidade de escrever clandestinamente. E pude tirar materiais de uma forma muito curiosa. Te conto: um dia

irrompe na minha cela o cabo e, todo determinado, me disse: “Ordena o sargento que você me diga se é escritor”. Temia por um momento que fosse uma crítica literária. Respondi timidamente “sim, senhor”. E ele me disse, no mesmo tom: “O sargento lhe ordena que escreva uma carta a sua noiva”. Lhe escrevi um par de cartas. Fui escrevendo. Me trouxeram material para escrever: uma tabuinha, folhas, uma caneta e... Bom, parece que (o sargento) a seduziu, em troca ganhei dois cigarros com filtro. Me senti como o Churchill fumando seu charuto cubano depois de vencer a batalha final. A partir de então a notícia se espalhou e a cada troca de guarda, vinham e me pediam todos uma carta para a namorada, um poema para a mãe. O que ocorreu? Me davam papel, caneta. Lembro que simplifiquei e passei a fazer acrósticos. Pedia não mais do que o nome da mãe, da avó, e ia escrevendo na vertical e assim seguia. Depois me entregavam o nome e diziam “me faça um acrílico disso”.

Juca — Acrílico! (riem juntos). Essa experiência com as cartas. Teria também o valor de ter a certeza que você estava de novo escrevendo, que tinha pessoas lendo as coisas que você escrevia?

Maurício — Nunca parei de escrever. O que não podia era registrar o que escrevia. Um guarda, um ser humano formidável e que teria que ficar 72 horas de serviço, me deixou ficar com a caneta, pude escrever uma história de amor que tinha na forma de sonetos na cabeça. Os escrevi direto no papel de cigarro, depois envolvi em um pedaço de (meia de) nylon - um pequeno tubo - e escondi na barra da camiseta, que era enviada para alguém da família, para ser lavada. Assim saiu, por exemplo, *La Margarita*. São 24 sonetos, que hoje estão musicados em um disco. Foi apaixonante. E depois, por esse mecanismo pude tirar uma peça de teatro e perdi um romance. Porque não foi minha mãe quem lavou, foi a vizinha e onde estava o papel manchou de tinta.

E quando essa camiseta voltou, me interrogaram sobre o que havia escrito ali. Eu disse: “poemas”. Claro, tive de convencê-los de que não era um manifesto...

Juca — Durante todo este período, quantas vezes você pode ver e estar com sua filha?

Maurício — As visitas... As visitas eram dramáticas, porque Niger era muito pequena. Eu a via a cada dois meses por 15 minutos, em péssimas condições. Por exemplo, me levaram com um saco na cabeça. Minha filha teria então 8, 9 anos e na presença dela, de sua mãe e de meus pais, me levantaram o capuz como se fosse um trapo. E minha filha vendo tudo isso. E depois, Ñato tinha...a filha tinha nascido em um quartel. Então, quando foi crescendo, tinha que se tratar com um psicólogo, a quem disse algo agressivo: que seu pai não tinha braços. Por que claro, sempre que o via, seus braços estavam debaixo da mesa (algemados), então ela não via nunca suas mãos. Cada vez que chegava de visita a filha de Ñato, a Gabrielita, ela chorava. Porque a revisstavam para ver se não tinha uma AK 47 nas fraldas. Um dia Ñato, depois de uma visita, me chama (*batendo na parede*) e diz: “Vou suspender a visita. Porque faz mal à minha filha e muito mal a mim”. Eu respondo: “Se agora pensa que o papai não tem mãos, porque estão sempre algemadas, sem a visita vai pensar que não tem pai”. Conversamos, e eu disse: “tem que criar um vínculo que permita a ela dizer em vez de “vou ver o papai que está preso”, possa dizer, “vou ver o papai, para que me faça um...” ponto de interrogação. Ele desenhava muito bem, mas não podia fazer artesanato, não podia desenhar nada. (*Disse*): A única coisa que você pode fazer é uma história. (*E ele*): Deixa-me pensar. Depois de um tempo caminhando lado a lado, me chama e diz: Tem razão, mas há um problema. Não conheço contos. Então lhe digo: Não há nenhum problema. Cada vez que tiver uma visita, te passo uma história para ela. Saiu um romance. Era a história de uma

garotinha, pequena também, que tinha uma síndrome. Um espírito, que flutuava sobre as águas e tudo o que sonhava, se materializava. Se lia um conto sobre o Bambi, no outro dia o Bambi estava dormindo no pé da cama da menina. Realizava os sonhos. Então tiveram que fazer um redutor de sonho realizado, porque uma vez viu Moby Dick na TV e, finalmente tinha Moby Dick numa banheira. Deixava coberto de gelo para que não estranhasse. Com isso queria dizer-lhe, de alguma maneira, que os sonhos de uma criança não cabem em uma peça, como os sonhos de um preso não cabem em um calabouço.

Juca — E como é para você, hoje, a convivência com sua filha e sua neta?

Maurício — Sim...minha neta é algo assim como a pedra da coluna de amor. Pude viver a infância dela como não pude viver a de minha filha. O que passa é que agora já tem 25 anos. Como crescem! Por isso que quando você disse que a vida começa aos 40, a essa altura especulo que talvez comece aos 80. Assim, com alguns descontos, me sinto todos os dias quando acordo. É uma graça divina. Há uma pergunta que você fez e a resposta ficou incompleta, sobre a questão dos calabouços. Nós soubemos, por uma mensagem de uma visita, que um companheiro estava mal, com um câncer na cabeça. Era um refém que finalmente morreu. Vimos que não o trataram, que Raul Sendic estava mal e não o tratavam. Nós vimos também que Pepe estaria em dificuldade se não fosse tratado. Então combinei com o Ñato, porque Pepe deixou de se comunicar conosco. Não queria que o chamássemos, porque em sua imaginação acreditava que haviam instalado um microfone dentro do calabouço para ver o que ele dizia, se falava sozinho ou se falava dormindo. Eu e Ñato juramos que, se algum de nós sáísse vivo e em condições, o que não era fácil; iríamos dar testemunho de toda essa peripécia. Fizemos esse juramento debaixo da terra e através do muro. Quando saímos, fomos para

o convento como te contei, e ali chegavam companheiros que haviam saído da prisão, que vinham de diferentes lugares, que não era o mesmo que vir de Espanha ou Suécia. Eles reorganizaram o movimento. Assim ficamos ajudando nisso e acertamos de passar alguns dias em um sítio que era do meu pai, em Las Toscas, mais sagrado que as coisas do mar. Conseguimos um gravador, nos compramos fitas cassete, algumas gravadas com canções de *Los Olimareños*, por exemplo. Então, de uma tirada, em poucos dias, três, quatro dias, gravamos 47 fitas. De dia, a mate e à noite, a combustível. E saíram *Memórias del Calabouço*. Nós saímos em 1985 e o primeiro tomo, porque na medida em que íamos escrevendo, nos gravavam, em 1987. Assim cumprimos nosso trato.

Juca — Maurício, você, bem, todos vocês, saem do calabouço e depois de terem sido dos Tupamaros, fundam a Frente Ampla. Uma coisa que não é apenas uma frente de esquerda. Uma frente com todos. Conte como foi possível a convivência, por exemplo, com o general (Líber) Seregni? Fale-me sobre a Frente Ampla, uma coisa tão necessária hoje no Brasil.

Maurício — Essa mesma pergunta o Salvador Allende me fez no Chile, um dia em que estávamos em uma reunião. Realmente é um trabalho que tem a ver com as raízes históricas do País. Naqueles dias (1971) houve uma eleição muito disputada, que acabamos perdendo. Vejo que hoje há discursos polarizados, mas conversar e discutir problemas de Estado, buscar entendimento é algo integrado a uma tradição. Voltando à fronteira, um famoso caudilho que agora já é um caudilho nacional e na época era um caudilho dos blancos (Partido Nacional, ou “dos Blancos”, conservador), foi alçado contra o governo “colorado” (Partido Colorado, de centro-direita). Aqui o chamamos de Sarábia, e na fronteira é Saraiva. Aparício Saraiva tinha que enfrentar um exército dos Colorado, que acaudilharam um ir-

mão dele. Imagine, dois irmãos guerreando entre si. Mas em algum momento fizeram uma pausa, para poderem se encontrar para falar da mãe, de suas terras, de suas histórias e de como ia a guerra. Essas pequenas histórias, de alguma maneira, construíram essa possibilidade. E Seregni foi um militar absolutamente excepcional. Era o chefe militar número um durante o governo de Pacheco (Jorge Pacheco Areco, jornalista e diplomata, ocupou a presidência entre 1967 e 1972), que reprime o movimento dos trabalhadores. É criado um esquadrão da morte e Pacheco faz o exército intervir, para que Seregni comande a repressão. E ele, o que faz? Vai ao palácio do governo e renuncia ao cargo, dizendo que o exército uruguaio não foi criado para reprimir trabalhadores. A partir daí entra na ação política. Já tinha um grupo dentro do exército de pessoas da esquerda e começa a fazer contatos. Se dá conta que o secretário geral dos Democratas Cristãos, e o homem mais votado dentro do Partido Colorado, chamado Michellini, e dirigentes do Partido Comunista e do Partido Socialista, podiam conversar em comum e fazer um programa, discutir suas diferenças e articular acordos em torno de questões que tivessem concordância. Sobre essa base se construiu, e sobre essa base fizemos algumas coisas que tem a ver com o Brasil. Nas eleições de 1971, havia o risco de que Wilson (Wilson Ferreira, candidato pelo Partido Nacional) ganhasse e que se entendesse com a Frente Ampla, que já estava criada, com Seregni como candidato na cabeça. Era mais difícil do que ganhar a Frente, mas havia muita inquietação, não só por parte do governo uruguaio, mas do governo brasileiro. Apareceram na fronteira operações como a Poncho Verde e outra que não me lembro o nome. E tínhamos informações de fontes diferentes de que se houvesse uma mudança política aqui, teríamos o exército da ditadura brasileira na fronteira.

Juca — Fidel Castro lhe advertiu sobre isso?

Maurício — Sim, exatamente. Está-

vamos na casa de Piñeiro, o Barba Roja (Manuel Piñeiro Losada, figura política e militar cubana), em uma reunião e ele nos alertou que tinha informações de que, se ganhássemos a eleição, se teria os brasileiros lá dentro (os da ditadura)... E Seregni, (sabia) através de seus militares na fronteira e dos contatos que tinha com o exército do Brasil. Um general brasileiro que estava naquela operação escreveu um livro onde conta isso que estou falando, ou seja, não é mais a palavra da gente, nem de Seregni, nem de Fidel. É de um general que esteve na operação. Então o que quer Seregni neste momento? A contra-ofensiva. Tem uma presença dentro do exército muito forte, e convoca o Partido Comunista, convoca a nós que, sendo uma organização clandestina, não poderíamos aparecer publicamente como integrantes da Frente Ampla. Se cria uma operação militar de resistência para a eventualidade de golpe se o vencedor fosse o Wilson, ou se ganhava o Seregni. Uma das coisas que tínhamos em mente era esse perigo que havia na fronteira.

Juca — Agora, a ideia do trem. Vi uma entrevista em que você diz, se sou capaz de ser perfeitamente fiel a suas palavras: “estamos todos no mesmo trem, são oito vagões, cada um uma ideia diferente...”

Maurício — isso...

Juca — ... mas o importante é que o maquinista nos leve ...

Maurício — A um bom porto. E isso seguimos sempre. Isso segue sendo a Frente, que conseguiu nestes 15 anos de governo, que os trabalhadores rurais, em vez de estarem à disposição do patrão 24 horas por dia, passassem a ter direito a jornada de oito horas. Que os trabalhadores domésticos também tenham direito a jornada de 8 horas. Que conseguiu – foi o primeiro país do mundo -, que nos locais mais humildes, começamos por uma cidadezinha do interior, que cada um tenha um lap top e contato com a tecnologia. Hoje, todos os têm. Agora, por exemplo,

aquela cidadezinha lá longe ganha competições organizadas pela Nasa ou por alguma organização internacional. São premiados porque conhecem robótica e também, acabam viajando.

Juca — Então, Maurício, nesse aspecto o Uruguai é um país que novamente se distingue na América Latina. Lá atrás, essa ideia de Suíça da América Latina que os militares destruíram como sabemos, mas hoje, como um país de liberdade, um país progressista um país de conquistas sociais importantes, em oposição a América Latina. Sei que não existe paraíso, mas é mais próximo do paraíso que a maioria dos países latino-americanos. Que saída você vê para a América Latina?

Maurício — Bom, eu diria “cada professorzinho com o seu livrinho”. A América Latina é muito global e muito variada, de forma que cada país tem sua história, sua mobilização e sua gente. Está claro que o sentimento de igualdade está na raiz de toda a cultura latino-americana. Nós temos toda a topomínia do Uruguai guaranizada. A palavra mais linda para um povo é Tupambae, que quer dizer “terra de todos”. Os guaranis e os incas praticavam a coletividade das terras. Para ir mais atrás eu te diria que, depois de ler nos evangelhos e um livro chamado *Feitos dos primeiros cristãos*, fica-se sabendo que os primeiros cristãos dividiam tudo e cada um só retirava segundo a sua necessidade. Há uma relação direta com a Teologia da Libertação. E acrescento – capciosamente em algumas traduções não aparece – Quando veem Jesus no Monte das Oliveiras e há um enfrentamento e Pedro desembainha uma espada para enfrentar um centurião romano que vem detê-lo, Jesus lhe diz: assim como Deus pede que use apenas as sandálias e a túnica para pregar o evangelho, hoje eu lhe digo venda a sua túnica e sandálias para comprar espadas.

Juca — Você acredita em Deus?

Maurício — Eu... Por quanto essa pergunta?

Juca — milhões e milhões (risos)

Maurício — Tudo é um mistério.

Se há alguém que nos criou, onde está quem o criou? Como é possível criar um animalzinho que estende os braços e são asas e voam? Como se pode viver aos mil metros de profundidade e ter flexibilidade que não temos na superfície? Não sei, mas prefiro dizê-lo com as palavras de quem tem mais autoridade do que eu nesse tema. Einstein, nos primeiros dias do nazismo, quando está a tocar violino e lhe perguntam o mesmo que você. Então ele responde que há muita harmonia no espaço para que seja obra do acaso. E acrescenta: mas não acredito em nenhuma das religiões existentes. Ele te deixa um ponto de interrogação e você acaba se perguntando todos os dias, o que estamos fazendo? É muito bom ter perguntas constantes sem necessidade de ter respostas que eventualmente te satisfaça. ■